O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 35
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 33.º — N.º 1861
Sábado, 4 de Novembro de 1944
VISADO PELA CENSURA

José Estêvão Coelho de Magalhães

Mais um aniversário da sua morte

Foi a 4 de Novembro de 1862 que deixou de existir em Lisboa, onde residia numa modesta casa da Rua Formosa após um banho que, por conselho médico, havia tomado, o notável parlamentar, orgulho desta terra de Aveiro, que lhe serviu de berço, e glória do país que tanto honrou como político e soldado da Liberdade, lutando por ela.

Eis como o *Diário do Govêrno* do dia seguinte, 5, se referiu ao acontecimento:

«A tribuna portuguesa está de luto. O grande vulto parlamentar cuja voz eloqüente, cuja frase demosténica fazia a glória do país, já não existe. O sr. José Estêvão Coelho de Magalhães entregou o espírito ao Eterno a noite passada. Foi uma grande perda para a nação e para a Liberdade.

Pertencia o ilustre finado a essa nobre geração que, rareando dia para dia dentro em pouco só dela restará a memória das suas façanhas. Ontem Passos Manuel. hoje José Estêvão. Quem será amanhã?...»

E no mesmo tom ou estilo, evocando os *feitos dos gigantes*, acrescentava:

«Tudo o que fizermos nesta derradeira hora é pequena recompensa do muito que pelo povo e pela Liberdade, pela Pátria e pelo Rei eles fizeram. Esse preito paga-o Lisboa amanhã.»

Na sessão da Câmara dos Deputados, celebrada no mesmo dia, foi lida a participação do falecimento do genial orador e os seus membros convidados a comparecerem no funeral. Presidiu a essa sessão o decano Cipriano Justino da Costa, secretariado pelos colegas mais novos José Augusto da Gama e José de Menezes Taste. Falou em primeiro lugar o deputado Santana e Vasconcelos que, referindo-se ao elogio feito na morte de Passos Manuel disse não ter esperado tão depressa a *calamidade pública* que representava o desaparecimento de José Estêvão. E então, dirigindo-se à cadeira do extinto, que estava coberta de crepes, pousou sôbre ela uma corôa de perpétuas. E continuando o seu discurso cheio de emoção, termina-o, enviando para a mesa uma proposta na qual se exarava o profundíssimo sentimento pela morte do primeiro orador português e que foi aprovada por unanimidade.

Levantou-se, a seguir, o notável estadista Fontes Pereira de Melo, que declara não servir-se da tribuna para excitar o sentimento da Câmara, aliás manifesto, e tão pouco expandir a sua amargura pela morte do amigo, visto o Parlamento não ser o logar mais próprio para os desabafos particulares. E um rasgo oratório, exclama:

JOSÉ ESTÊVÃO

«Senhores: nestes tempos que correm, quando a ficção substitue a verdade, quando as aparências mentem tantas vezes aos sentidos e quando o ouropel encobre tantas mediocridades, é justo, é nobre que no meio da representação nacional honremos a memória dum Homem que foi grande, não das grandezas que se compram, que se herdam ou que se outorgam, mas das grandezas que conquistou com o seu talento gigante, colocando-se a si próprio no pedestal que lhe levantaram os amigos do país cujos interêsses êle tantas vezes defendeu e os amigos da Liberdade que êle ajudou a fundar entre nós».

Termina por evocar Garret, Rodrigo da Fonseca e Passos Manuel e chamar a José Estêvão o Demóstenes português.

Depois Casal Ribeiro enaltece também a memória do falecido, dizendo *existir naquela casa um lugar impossível de preencher*. Para êsse lugar vasio, coberto de crepes, se volvem os olhos e a dôr que está nos corações, falando mais do que o podiam fazer as palavras. Por fim propõe que se abra uma subscrição nacional a-fim-de se erigir um monumento à memória do talentoso orador.

Falaram ainda outros deputados e na Câmara dos Pares, êstes, exaltando, também, a memória do tribuno, não esconderam a sua mágua pela enorme perda que o país acabara de sofrer.

No dia seguinte, 6, realizou-se o funeral de José Estêvão. O préstito, a caminho do cemitério dos Prazeres, onde o cadáver ficou até ser trasladado para Aveiro, passou entre alas compactas de povo descoberto. Reinava uma sincera dôr; lia-se nos semblantes; aflorava como tudo que não é hipócrita—escreve um historiador. Ministros, deputados, pares do reino, militares, membros do corpo diplomático seguiam a pé, com os representantes dos vários grémios e associações de classe, nas quais avultava a dos tipógrafos.

No cemitério falaram o ministro da Marinha, dramaturgo e académico, José da Silva Mendes Leal, que, em nome do Govêrno, enalteceu a gloriosa carreira do falecido; Rebelo da Silva, que fêz o panegírico do artista da palavra—o primeiro orador português; Freitas e Oliveira, que, sendo um dos melhores amigos do morto, orou debulhado em lágrimas, e José Manuel Gonçalves em nome do Asilo de S. João que José Estêvão fundara e ainda existe como recolhimento de crianças pobres.

Por último ouviram-se descargas. O regimento de Infantaria 16 prestou homenagem oficial à Tôrre e Espada que José Estêvão ganhara nas lutas pela Liberdade. Defendera parte da celebrada *Flecha dos Mortos* nas linhas do Pôrto apenas com 20 soldados e nesse dia D. Pedro IV quizera condecorá-lo. Verificou-se, porém, que já era cavaleiro da Torre e Espada pela acção que tivera na Serra do Pilar com o Batalhão Académico. O imperador, então, conferiu-lhe o grau de oficial daquela ordem militar, que lhe dava honras de tenente-coronel.

Pelas sete horas da noite de 6 de Novembro de 1862—escreve Rocha Martins—dissipado o fumo da pólvora, o cadáver de José Estêvão entrou na jazida.

E hoje, 82 anos decorridos, Aveiro, onde nascera, repousam os seus restos mortais e tem uma estátua no ponto mais central da cidade, recordar-se-há dele ao ler estas linhas evocativas duma vida que tanto o dignificou e é para nós motivo de grande orgulho.

A pequena Imprensa

Ao comemorar nas colunas de *A Voz do Operário* a passagem dum novo aniversário, o sr. Raúl Esteves dos Santos, seu director, depois de saúdar efusivamente todos os que de alguma maneira concorrem para o prestígio da Imprensa, acrescenta:

Mas estas palavras de cumprimento seriam de insignificante valia se as não fizesse acompanhar de uma breve análise às condições e ao ambiente em que vive a maioria dos jornais, especialmente aqueles que constituem a indevidamente chamada Pequena Imprensa.

Só quem tenha dirigido uma publicação, por mais modesta que seja, pode avaliar os inúmeros embaraços e os obstáculos sem conta com que lutam todos aqueles que, com dignidade e altiva independência, mantêm um orgão de opinião.

Desde as sérias dificuldades, que são a natural conseqüência da hora que passa, agravada com a restrição à expansão da publicidade, à tirania do preço do papel, elevado custo da mão de obra, encarecimento da gravura, importância incomportável da franquia e de outros impostos, tudo se compraz em tornar quási impossivel a vida dos diários da província, dos semanários, quinzenários e mensários que representam os interêsses regionais, a opinião de determinadas correntes de opinião, o reflexo de variadas questões tecnicas, económicas, profissionais e pedagógicas, e o sentir das classes produtoras, na sua ânsia de justiça social.

Afastado êste aspecto do problema, teremos que anotar que contrariedades de outra espécie surgem a propósito de tudo e de nada. Se agita problemas de grande vantagem para a colectividade, dizem os zoilos tratar-se de uma campasem outro intuito que não seja uma miserável *chantage*. Se fundamentado na verdade, defende a acção de bem orientadas actividades, logo se acrescenta que está vendido, mas não se sabe a quem.

Etc. Etc. Etc.

Se tivéssemos espaço, se êle abundasse, diriamos tudo, diriamos o resto. Porque isto de pôr um jornal na rua não só custa muito dinheiro, presentemente, como o sr. Raúl Esteves dos Santos faz vêr, mas ainda tem mais que se lhe diga.

Tudo contra nós, tudo.

Até quando—ó Catilina?...

Santa Casa da Misericórdia

PRÓ HOSPITAL

Obteve o êxito que nós previmos, era de esperar e do qual nunca duvidámos, a *esmola dum lençol*, solicitada aos habitantes de Aveiro, principalmente às senhoras, pela Comissão Administrativa da nossa Santa Casa da Misericórdia e que o corpo clínico do hospital auxiliou, andando de porta em porta a recolher das pessoas, a quem haviam sido endereçadas circulares, essa dádiva julgada indispensável na presente ocasião.

Foi, portanto, além da espectativa o volume das ofertas. Bravo, aveirenses! Eram precisos 300 lençois e apareceram mais de 1.000! Grande exemplo de generosidade—de caridade. Mas não foram só lençois, afinal, que o hospital recebeu; com êles vieram cobertores, colchas, mantas, travesseiros e travesseiras, toalhas de rosto, e ainda outras peças de utilidade, assim como dinheiro, algum dinheiro, que de tudo a Santa Casa carece.

Para àmanhã estava marcado um *cortejo de oferendas*. O tempo, porém, retardou os preparativos de modo que teve de ser adiado para o dia 12—também domingo. E por aquilo que chega ao nosso conhecimento não nos restam dúvidas de que vai ser outra jornada garantida, tal o entusiasmo das freguesias do concelho em concorrerem, igualmente, para o fim que a comissão organizadora tem em vista—acudir, quanto antes, à triste situação financeira do nosso hospital para que possa, de futuro, exercer com mais amplitude, a função a que obedece a sua existência.

Corações ao alto, pois!

A Santa Casa da Misericórdia receberá o amparo a que tem direito visto ter formado à sua volta uma legião de boas vontades dispostas a ser-lhe útil, como tudo indica.

Para a frente! Com o pensamento em Aveiro, que, sendo uma terra de recursos, precisa mostrar às outras a grandesa de que é dotada no capítulo—*Assistência.*

O TEMPO

—o—

Devido, talvez, aos elogios de que tem sido alvo o Outono, resolveu Fevereiro a vir passar connosco essa quadra, tornando-a frigidíssima, agreste até mais não.

Há visitas que bem se dispensavam...

O mar em Espinho

—o—

Continua a tragédia. O bairro piscatório, de dia para dia vai desaparecendo porque as vagas, investindo contra êle, tragam-no a olhos vistos.

Quantas casas já destruídas!

Quantas famílias sem abrigo!

Uma desgraça. Um cataclismo para essa pobre gente tão digna de melhor sorte.

Que a Providência se amercie dela—continuamos a implorar.

RONDA DA SAÜDADE

Nos dias 1 e 2 de Novembro—é costume antigo — consagram-se os mortos, que nos cemitérios recebem a visita dos vivos, as suas flôres e as suas orações. Romagem que o sentimento, o amor e a gratidão caracterizam, a emoção avoluma e o espírito conduz através as regiões impenetráveis da Eternidade, ela decorre sempre num ambiente de dôr que tem de se respeitar por corresponder à devoção que êles merecem e lhes é devida. Os dois cemitérios da cidade transformaram-se, por isso, em jardins, predominando por tôda a parte os crisântemos, que ornamentavam as campas e os jazigos em grande profusão.

Também os templos tiveram enorme concorrência de fiéis a ouvir missas por alma dos entes queridos.

O Farol da Barra

Fez no domingo, 29 de Outubro, meio século que teve lugar a sua inauguração solene, tendo vindo assistir ao acto, por parte do Govêrno, o sr. dr. Bernardino Machado, então ministro das Obras Públicas da monarquia, que se fez acompanhar de outras personalidades em evidência na época.

O farol da Barra de Aveiro é considerado de 1.ª ordem. O projecto data de 1884, devendo se ao engenheiro Benjamim Cabral. A sua construção foi iniciada em Março do ano seguinte pelo eng. Silvério Pereira da Silva, tendo terminado as obras em 1893 sob a direcção do engenheiro José Maria de Melo e Matos. Custou 51.265$750 reis.

O centro da luz encontra-se a 58 metros acima do nivel médio do Oceano com um grupo de quatro clarões rotativos de 24 em 24 segundos.

A segurança da navegação entre o Douro e o Cabo Mondego ficou assim assegurada desde 29 de Outubro de 1894 e continuará pelo tempo fóra caso o Destino não determine outra coisa.

Transcrição

O nosso presado colega *A Aurora do Lima*, de Viana do Castelo, reproduziu parte da Secção Feminina onde erám dados conselhos ás mãis, o que agradecemos.

O Dr. Voronoff

Chegou a Lisboa, de passagem para França, acompanhado de sua jovem esposa, o célebre cirurgião, mundialmente conhecido pelas suas descobertas científicas.

Ao ser abordado pelos jornalistas, declarou que, neste momento, não cuida de enxertias.

Foi o general De Gaulle que solicitou a sua presença.

As ruas da cidade

Algumas delas, como a dos Combatentes da G. Guerra e do Gravito, quando chove, ficam em estado lastimoso.

Precisam, por isso, de ser reparadas convenientemente.

A disciplina de preços é obrigatória em todo o país

A Intendência Geral dos Abastecimentos, registando a boa vontade com que a grande maioria dos comerciantes está a cumprir as suas instruções sôbre a afixação de etiquetas ou letreiros indicativos do preço de venda de todos os artigos, esclarece, contudo, que, a obrigatoriedade dessa afixação é extensiva não sòmente aos grandes centros populacionaes mas ao país inteiro e abrange todos os estabelecimentos e lugares onde se pratiquem a venda ao público, incluindo cantinas e cooperativas e os próprios vendedores ambulantes.

Tal obrigatoriedade compreende todos os artigos, mesmo que estejam em estantes ou prateleiras, e se os mesmos estiverem em cacifos, caixas ou gavetas, estas afixarão letreiros com indicações dos respectivos preços e designação dos artigos, se lhes corresponderem preços diferentes.

Quer dizer: tudo quanto seja exposto à venda e exista nos estabelecimentos deve ter o preço marcado. Mais: marcado com visibilidade para que se veja bem.

A medida agora adoptada já há muito devia ter sido posta em prática. Mas nem por tardar deixou de vir a tempo.

Assembleia da Barra

Iniciaram-se esta semana os trabalhos de que carece o edifício onde funciona a casa de recreio com o nome da epígrafe, esperando-se que as obras estejam concluídas para nele se realizar um *reveillon* na noite de 31 de Dezembro, como já fora deliberado pela sua Direcção.

A mocidade espera que assim aconteça de modo a assinalar a passagem do ano.

Circulação de carros

Foi superiormente autorizada desde o dia 1 a circulação de automóveis e motociclos ás segundas-feiras, quartas e sábados—portanto mais um dia na semana.

De vagar se vai ao longe.

Crónica alfacinha

CRIANÇAS

Quando as vejo nos jardins, alegres como aves, coloridas como flores, ou mesmo andrajosas, alheias à maldade humana, à dor, fico a contempla-las com ternura.

Oh! Inocência: como tu és um anjo cujas asas brancas jamais podem ser manchadas com a negridão da maldade...

Há crianças bafejadas pela sorte, rodeadas de mil cuidados, que vêm rápidamente satisfeitos os seus piores caprichos e crescem indiferentes, ignorantes, até, ao que seja sofrer.

Para elas o mundo encerra-se nos seus brinquedos, nos amiguinhos da mesma idade, nos carinhos da família; há outras cujo olhar é mais triste: são os desprotegidos do Destino. Esses sabem o que é a fome, o frio e a falta de ternura; são os orfãos, os pobresinhos, os doentes, e contudo olvidam o seu sofrimento para igualmente correrem e brincarem. Vemo-los nos jardins, misturados, mãozinhas dadas, fazendo uma roda ou saltando o eixo. E' que a infância tem o previlégio de fazer esquecer a tristeza, necessita de alegria para viver. Por isso devemos acarinhar as crianças por igual, ricas ou pobres, boas ou más—ter um sorriso para todas.

Já pensaste alguma vez na tristeza que invade uma criança ao ver-se humilhada?

Consideral e dizei-me se vos não sentis ofendidos quando alguem, por falta de educação, por soberba ou ainda por pouca inteligência, vos coloca num plano inferior.

Certamente ou afastar-vos-eis de quem assim procedeu para convosco ou delicadamente fazeis-lhe notar èssa falta. Pois com as criancinhas dão-se constantemente casos que as fazem sofrer bem mais do que a nós, dado que a sensibilidade infantil é muito mais requintada e, em geral, os pequeninos têm um grau de inteligência bastante desenvolvido.

Quando num grupo de petizes vós distinguis algum por ser mais simpático, mais rico, limpo, cuidadoso, esperto, não calculais como os outros sofrem.

Quando numa escola fazeis distinção de alunos que vos são recomendados, acreditai que os outros se magoam; e muitas vezes acontece termos consideração por uma criança menos inteligente e bôa do que outra com quem nunca nos importamos.

Para mim todos os inocentes merecem a mesma estima e consideração, todos são gentis e inteligentes, mas os pobresinhos, que não têm confôrto, os orfãosinhos sem o carinho de mãe, o aleijado desgostoso de não ser normal, merece-me uma ternura especial.

Oh! Quem me dera poder arrastar para minha casa todos os pequeninos que vegetam por esses bairros de latas, tendo por camas as tábuas do sobrado, por colchão uma saca de palha, que se alimentam dos restos que alguem lhes atira, e depois dar-lhe um banho higiénico, preparar-lhes uma refeição simples e apetitosa, proporcionar-lhes um prazer qualquer, deitá-los no meu leito, aconchegando-lhes as cabecinhas à minha como lhes faria uma mãe carinhosa! Isto é impossivel, claro está. Limito-me a fazer o que os outros fazem: a entregar-lhes uma moeda e acariciá-los com uma frase doce.

Ah! Mas nós podiamos minorar tanto sofrimento!...Nós, mulheres, que somos filhas e àmanhã seremos mães, podiamos alegrar estas avezinhas desportegidas.

Dos nossos próprios fatos, quantos deles engraçados; das nossas meias outras tantas peuguitas; das nossas roupas brancas quantas coisas lhes serviriam!

Se isto tudo fôr dado sem que ninguem veja, com um sorriso bondoso e uma palavra terna, calculem a felícidade de um pequeno! E se assim fizermos, que bela lição de fraternidade e caridade lhes daremos!

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

A nobilitante acção de alguns filhos da antiquíssima vila de Eixo

Ao Ex.mo Sr. João António de Carvalho, insígne colonianista e prestantíssimo filho desta vila.

IX

Foi ao cair da tarde do dia 3 de Julho de 1828, que as tropas miguelistas, comandadas pelo general Povoas, entraram na cidade do Porto. Este brioso militar mandou afixar editais nos lugares mais públicos, anunciando *que daria protecção a todos e não permitiria vinganças contra o partido suplantado* e, ao mesmo tempo, dispôs todos os seus soldados para que não praticassem actos hostis contra qualquer pessoa.

A população portuense, na ocasião, estava mergulhada na máxima angustia, tanto pela fuga das tropas liberais, como pela retirada de muitas pessoas pertencentes a todas as categorias sociais, que se homisiaram por onde puderam.

Também, na cidade de Aveiro, a fuga de pessoas foi enorme, principalmente desde a ocasião em que os sequases miguelistas começaram a prender individuos tidos como liberais.

O desembargador Gravito e o dr. Francisco António de Abreu e Lima, juiz em Aveiro, breve foram detidos. O empregado do tabaco Silvério de Carvalho, que se refugiara na ria, dentro dum barco, também foi preso. O desembargador Joaquim José Queiroz e Almeida. conseguira fugir, a-pesar-de ter sido o chefe da insurreição.

A data, pois, de 3 de Julho de 1828 é uma das mais referendadas, como lugubres, na vida histórica das cidades do Porto e Aveiro, no tocante à acção das lutas políticas, que, naquela época, tanto se manifestaram nestas duas terras e em muitas outras do país.

*

Não agradou, ao govêrno, a moderação que o general Povoas, quando entrou na cidade do Porto, dispensara à população. Breve foi chamado à capital; e, dias depois, era nomeada, em 14 de Julho, uma Alçada de justiça, com o encargo especial de prender e julgar todos os que estivessem implicados na insurreição.

A Alçada teve, previamente, ordens terminantes para aprontar os processos e foi constituída pelos desembargadores Vitorino José Calheiros Bezerra de Araújo, Constantino José Ferreira de Almeida, José Vicente do Casal Ribeiro, Joaquim Gomes da Silva Belford, João António Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcelos, tendo como auxiliares mais os magistrados José Patricio Seixas Diniz, João da Cunha Neves de Carvalho e José Joaquim Abreu Vieira.

Logo que a Alçada se instalou na cidade do Porto, breve as prisões começaram a avolumar-se, a tal ponto, que motivaram o exodo de muitas famílias e de numerosíssimas personalidades.

Os sequases de D. Miguel, activissimos, procuravam os membros do govêrno constituído sob a designação de *Junta Provisória do Reino*, organizada em 20 de Maio com os seguintes membros: desembargadores **Joaquim José Queiróz e Almeida**, Alexandre Tomaz de Morais Sarmento e José Joaquim Gerardo Sampaio, dr. Manuel António Velez Caldeira Castelo Branco, dr. Joaquim António de Magalhães, general Antonio Hipólito Costa, coroneis Duarte Guilherme Ferrari, Francisco da Gama Lobo Botelho e António da Silva Paulet e os negociantes Cristiano Nicolau Kopke e Francisco Inácio Van-Zeller.

Todos êstes individuos tiveram a felicidade de escapar aos esbirros da Alçada; porém o numero de pessoas mandadas prender, por ordem da Alçada, como implicados na insurreição de 16 de Maio de 1828, trazia, em constante sobressalto, toda a população portuense, assim como muitas famílias da cidade de Aveiro e de outras terras do país.

A Alçada estendera a sua acção no desejo de descobrir culpados, até, junto dos carcereiros, que, secretamente, denunciavam todos os que visitassem os presos. (1)

De noite, quem viesse à rua, sofria agressões de cacetes e bengalas. Este vexame, tempo depois, chegou a ser aplica o, mesmo de dia, a qualquer transeunte que envergasse roupas em que se destacassem as côres *azul* ou *branca*.

No dia 9 de Abril de 1829, a Alçada lançou o seu primeiro acordão, condenando à morte, na forca, dez pessoas, entre as quais figuravam: Clemente da Silva Melo Soares e Freitas, juiz de fora na Vila da Feira, natural de Aveiro; Francisco Silvério de Carvalho Magalhães Serrão, fiscal dos Tabacos, natural de Aveiro; Bernardo Francisco Pinheiro, capitão de ordenanças, natural da freguesia de São Jorge, concelho da Feira; Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, desembargador da Casa da Suplicação; Manuel Luiz Nogueira, juiz de fora em Aveiro. (2)

O govêrno do infante D. Miguel aprovou a sentença da Alçada, que declarava *ficarem exautorados e privados de tôdas as honras, privilégios e dignidades de que gosavam*, e *condenados a que*, **com baraço e pregão**, *fôssem levados pelas ruas públicas do Pôrto, até ao largo da Praça Nova* (3) **e na forca, que na mesma se havia de levantar, morressem enforcados**, *sendo-lhes, depois, cortadas as cabeças* **para se afixarem em altos postes** *nos logares do delito*.

Quanto ao pedido, feito pela Alçada, para mandar erguer, em vez de um, dois patíbulos, e, também, a vinda de mais um executor (carrasco), foi, prontamente, atendido. (4)

Na ocasião em que a sentença da Alçada foi conhecida do público, cobriu-se de luto uma grande parte dos habitantes do Pôrto. As janelas de muitas casas permaneciam cerradas.

Os sequazes do miguelismo, cada vez mais numerosos, redobraram o seu furor, denunciando pessoas, na sua maior parte alheias ao pronunciamento, ou que tivessem feição liberal, só com o fim único de comprovarem a sua dedicação a D. Miguel.

O clero, por sua vez, em algumas igrejas, chegou a exaltar os fiéis que se abstivêssem de auxiliar, por qualquer modo, os prêsos por ordem da Alçada, *até mesmo que fossem seus parentes*, pelo único motivo de serem **hereges.**

A imprensa, sugeita a uma rigorosa censura, só podia publicar elogios ao infante D. Miguel, de mistura com artigos de combate ao constitucionalismo.

As crueldades, exercidas contra os presos, por ordem da Alçada, eram tão constantes, que levaram o fidalgo, visconde de S. Gil de Perre, a impetrar dos seus membros executores as providências necessárias, que evitassem a sua continuação. (5)

* * *

Chegamos ao ponto mais cruciante do acção da Alçada, porquanto, logo que os dois patíbulos (fôrcas) ficaram concluidos, ela fixou o dia 7 de Maio para dar execução ao seu acórdão: enforcamento dos condenados, cujas cabeças, depois de separadas dos troncos, seriam colocadas, em altos postes, nas terras dos supliciados.

Na véspera, 6 de Maio, foi lida a sentença a todos os condenados, dos quais, o de maior relêvo, era o dr. Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, ex-deputado das primeiras côrtes constituintes e, antes de ser preso, desembargador dos agravos da Casa da Suplicação de Aveiro. (6)

Este douto magistrado, cuja senhora, ao ver baldadas as suas diligências em salvar a vida a seu marido, caíra doente, no momento em que sua filha o foi visitar, pediu papel e, cheio de comoção por não poder ver mais a sua querida esposa e, também, para dizer o último adeus de despedida a sua única e extremosa filha, escreveu o seguinte:

Minha querida filha:

A vicissitude da sorte, tão variável como a chamada fortuna, colocou o teu carinhoso pai na lista dos criminosos e, hoje, é vitima do ódio, da vingança e da arbitrariedade.

Próximo, já, dos últimos momentos de vida, de ti me recordo com vivissima saúdade. Eu te consagro os meus últimos suspiros, como o vínculo mais doce que prende a minha resistência.

A tua memória me é cara. E, no meu inopinado infortúnio, a tua imagem querida existe a par de mim.

Tu perdes um Pai, o melhor dos teus amigos. Ele é roubado ao teu coração inocente para ser votado ao cadafalso; mas nem por isso é indigno de ti.

Sem protecção e sem abrigo, a perda de teu Pai é irreparável, e eu espero, minha filha, que nunca a vejas indemnisada: ninguém substituirá o teu Pai.

Muito desejo te conserves sem alguma outra relação social, para não empenhares teu coração na sorte de outro homem, em quem se una, como em mim, a virtude, e ponha a tua em lances amargurados; se, porém, outro fôr teu Destino, te rogo que prefiras um homem dos sentimentos e dos princípios de teu Pai, na certeza de que nem estes, nem o patíbulo, em que vou terminar meus dias, podem servir-te de opróbio.

Adeus minha querida filha, adeus para sempre.

Teu Pai
Francisco Gravito

Os periodos desta carta, que, por vezes, foram humedecidos com as lágrimas do Dr. Francisco Gravito, constituem, ainda hoje, para os médicos psiquiatras, uma fonte de profundo estudo, pelo facto deles serem escritos num momento em que o cérebro dêste infeliz magistrado tinha diante de si a horrivel visão da morte, e, também, sofria a dôr pungentíssima de não poder vêr a esposa, que idolatrava, D. Mariana Teixeira Pinho, acrescida com a presença de sua querida filha, cuja figura, dali a pouco, não tornaria mais a vêr!

Só um cerebro forte é que, em tão angustioso momento poderia manter a lucidez e equilíbrio mental para fazer brotar tão ponderados periodos que, a nosso vêr, constituem uma absoluta, proveitosa e elevada lição para todos aqueles que pregam a sua honorabilidade e desejam manter inteira austeridade em todos os actos da sua vida.

O académico Simão José da Suy Soriano, (7) ao lêr os têrmos da despedida do dr. Francisco Gravito à filha, escreveu, na Ilha Terceira, onde estava como director da *Crónica Constitucional*, (8) e inseriu, nesta publicação, o seguinte soneto:

A' desastrada morte do desembargador Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima, enforcado na Praça Nova, do Porto, pelo partido miguelista, em 7 de Maio de 1829

Quem a virtude pode vêr contente
Ser no lugar do crime justiçada?
Quem pode vêr cair do monstro a espada
Sôbre o justo, o honrado, o inocente?

Quem há que possa vêr, sem dôr pungente,
A morte de um Gravito perpetrada?
Sem raiva contra a cohorte tão malvada
Tais crimes recordar na própria mente!

Em desgraças acabam, entre horrores
Os que prègam virtude, a liberdade
Ao suplício arrastados por traidores.

Que mudanças não traz a nossa idade!...
Expíravam noutrora os malfeitores
Onde, hoje, punem honra, a probidade!

JOSÉ DINIZ

(1) Os carcereiros eram os denunciantes mais activos de carácter secreto.

(2) Este condenado, por incumbência do dr. Joaquim José Queiroz, foi quem, na Câmara de Aveiro, procedeu ao cancelamento do auto de obediência a D. Miguel e proclamou o juramento da Constituição.

(3) A actual Praça da Liberdade, do Porto.

(4) Este executor chamava-se João Branco. Foi morto, no dia 9 de Julho de 1832, pela população, que se vingou assim, dos escarros que deitou sobre os condenados, no momento em que os enforcava.

(5) Este fidalgo, pelas suas humanitárias diligências em favor dos presos liberais, foi mandado sair do Porto para o Alentejo.

(6) José Ferreira da Silva, escrivão do tribunal de Aveiro; José de Brito Ferreira, auditor do exército, e Henrique Taborda, de Eixo, foram as testemunhas que, com mais ronha miguelista, depuzeram contra o dr. Gravito.

(7) Formou-se em medicina. Foi um operoso escritor, o que mais escreveu sobre os acontecimentos desenrolados desde 1828 a 1834.

Escreveu a *História do Cêrco do Porto* e outros volumes.

(8) Foi substituído, nêste cargo, por José Estêvão Coelho de Magalhães.

Secção Desportiva

Basket-Ball

Deve principiar, no dia 12, o campeonato distrital desta modalidade.

Este campeonato, que a A. B. A. não teve possibilidade de fazer disputar na época transacta, promete, êste ano, interessar vivamente o nosso meio desportivo, por se acharem inscritos três representantes da cidade—*Club dos Galitos*, *Beira-Mar* e *Esgueirense*.

A espectativa criada já entre os adeptos dos dois primeiros clubs, dão-nos, mesmo, a esperança de que a velha rivalidade entre os *Galitos* e o *Beira-Mar*—ainda tão viva no espírito de todos!—e que ao *foot ball* aveirense deu as suas tardes de maior glória e de mais intensa emoção, será novamente animada e de forma tal que o *basket*, desporto tão cheio de beleza e dinamismo, atingirá outra vez, em Aveiro, o brilho dos seus tempos áureos, o que deve ser motivo de regosijo para todos aqueles que se interessam ainda pela vida desportiva local, que apresenta, actualmente, perspectivas bem desoladoras.

A. T.

Pelo Teatro

—o—

Dá no dia 11 à noite um espectáculo no Teatro Aveirense o grupo cénico da *União dos Tarcisios*, do Pôrto, que representará as peças *A Luz* e o *Dominó Verde*.

A receita destina-se aos pobres da cidade.

Licenças de cãis

—o—

Tem sido elevado o número de multas aplicadas aos donos de cãis sem a respectiva licença.

A Câmara chama a atenção dos que ainda se não muniram de licença, para o fazerem o mais breve possivel, afim-de evitar a aplicação de multas, sempre incómodas para os multados e penosas para quem cumpre as determinações da lei.

Além túmulo

França Borges

Faz hoje 39 anos que transpôs os umbrais da Eternidade êste vigoroso jornalista republicano, fundador do *Mundo*, onde disparou golpes certeiros contra a monarquia.

A-pesar-do longo tempo decorrido sôbre o seu desaparecimento ainda é lembrado.

* * *

Também esta semana passaram os aniversários das mortes de António José de Almeida, José Relvas, Fernão Boto Machado e Luís Derouet, todos republicanos dedicados.

Igualmente os recordamos.

Atenção para a 4.ª página

À margem da guerra

SOLDADOS E TRANSPORTES BRITANICOS AVANÇAM PELA ALEMANHA

Correspondências

Costa do Valado, 2

Com 58 anos faleceu em casa do sr. padre António Vieira, onde estava a servir desde criança, Rosa Simões de Carvalho, que no domingo foi a enterrar no cemitério da Oliveirinha, formando as irmandades da freguesia um extenso cortejo desde o lugar de S. Bento. Acompanharam-na, também, muitas outras pessoas das relações do referido sacerdote, tendo conduzido a chave da urna o sr. Eduardo Leite, comerciante nas Quintans. Fechava o préstito a música de S. João de Loure, que executou, durante o longo percurso, uma marcha fúnebre.

Aos que a pranteiam, os nossos sentimentos.

—Caiu esta semana alguma chuva, considerada benéfica para as terras, há muito sequiosas. Hoje, porém, o tempo levantou, voltando o Sol a inundar de luz esta ridente povoação. Bem bom.

—Passou ontem o 1.º aniversário da morte do professor Domingos Carvalho, nosso velho e inolvidável amigo.

A sua *verve* e a ironia com que salpicava as suas conversas ainda não foram esquecidas, motivo porque o recordamos com viva saüdade.

C.

Esgueira, 3

Na quarta-feira e ontem, dias consagrados aos mortos, o nosso cemitério regorgitou de pessoas que foram de visita às campas dos entes queridos, ornamentando-as e iluminando-as.

Foram dias de saüdade intensa, êsses de consagração aos que partiram para essas regiões desconhecidas do Além.

—Em Angeja finou-se esta semana, com 63 anos, o antigo comerciante sr. Guilherme Dias Capela, que deixou bastantes filhos, nomeadamente o nosso amigo Américo Capela, aqui residente.

O funeral do extinto foi uma grande manifestação de pesar como raras vezes se tem visto naquela localidade.

Aos doridos, as nossas condolências.

—Para a Africa embarcou, há dias, como expedicionário, o sr. Manuel Fernandes da Silva Júnior, filho do falecido capitalita sr. Manuel Fernandes da Silva.

—Retirou, de novo, com sua família, para a capital, o nosso amigo Luciano de Oliveira, industrial de panificação naquela cidade.

C.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Nóbrega e Sousa, residente na capital; no dia 6, as sr.as D. Juliana de Melo Ramos e D. Conceição Lopes da Silva, esposas, respectivamente, dos srs. António N. F. Ramos, proprietário do Ultimo Figurino, e Manuel da Silva, industrial em Lisboa, e os srs. Carlos Tavares Lebre e João Ramos, da Fotografia Moderna; em 7, a encantadora Guidinha, filha do tenente de engenharia sr. José Salvato Bizarro Saraiva; em 8, o sr. dr. Vieira Rezende, médico especialisado em doenças pulmonares, e a académica Judith da Apresentação Graça, filha do sr. José Gonçalves da Graça; em 9, a sr. D. Arlete do Céu Dias Morais, gentil filha do sr. capitão António Rodrigues Morais, actualmente em Vizeu; os srs. Ernesto Vieira, comerciante da nossa praça, e Carlos da Naia Sarrazola, escrivão de Direito em S. Tomé, e a interessante Clementina Lopes Mortágua, filha do sr. José F. da Costa Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company, e em 10, o nosso amigo dr. Humberto Leitão, esclarecido clínico local.

Casamentos

Na Sé Catedral efectuou-se, há dias, o consorcio da gentil Elvira de Oliveira Marques, empregada na Casa Singer e filha do falecido funcionário daquela Companhia, sr. António José Marques, com o alferes miliciano sr. Alvaro Carvalho Vilaça, filho do ourives sr. Domingos Vilaça.

Assistiram pessoas da intimidade dos nubentes, que são possuidores de predicados que hão-de contribuir para a felicidade do novo lar.

São êsses os nossos desejos.

Gente nova

Em Macieira de Cambra deu à luz um menino a sr.a D. Lídia Maria T. S. A. Beja da Silva, esposo do sr. Domingos A. Poeira Beja da Silva, ali residentes.

Os nossos parabéns.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade a sr.a D. Maria da Luz M. Lima Pinto e marido o sr. Artur José Pinto Júnior, residentes no Pôrto, e o sr. Jaime Martins Lima, funcionário de Finanças em S. Pedro do Sul.

—De Espinho seguiu para a capital, onde conta demorar-se algum tempo, a nossa conterrânea sr.a D. Gabriela de Melo Rebelo.

Doentes

Tem melhorado o nosso conterrâneo Francisco Passos da Cruz, negociante de pescado e sal.

— No Hospital da Universidade de Coimbra, onde ainda se encontra por virtude da operação a que teve de sugeitar-se, continua em tratamento o nosso amigo Virgílio de Oliveira, das Caves do Barrocão, que tem sido muito visitado, esperando-se que dentro em breve possa regressar à sua casa de Sangalhos.

Isso estimamos.

Carta de Lisboa

A Casa dos pobres

Na visita que há dias fez aos bairros pobres de Lisboa o sr. Ministro das Obras Públicas afirmou a decisão do Govêno de resolver tanto quanto possível rápidamente a parte que ainda espera solução do problema da habitação das classes pobres, principalmente na cidade de Lisboa, onde nem todos os pobres vivem nas condições necessárias e naturalmente exigíveis.

Deste modo, o sr. Ministro das Obras Públicas acentuou a decisão do Govêrno de prosseguir na acção social tão patriòticamente iniciada graças, principalmente, ao esforço notável e magnífico do malogrado eng. Duarte Pacheco.

Um grande problema

O Govêrno abriu já pelo Ministério das Finanças um crédito de 9.000 contos a favor dos orçamentos dos hospitais e dos estabelecimentos de assistência.

Assim se começa a cumprir a promessa, há dias feita pelo sr. Ministro do Interior de que o problema hospitalar irir ser resolvido completamente, e como era mister.

CORDEIRO GOMES

Francisco de Assis F. Paula

Agradecimento

Sua família agradece por êste meio a todas as pessoas que durante a doença que o vitimou se interessaram pelo seu estado e bem assim às que, depois, o acompanharam à última morada.

Pede igualmente desculpa de qualquer falta cometida por ignorância de moradas.

Aveiro, 1 de Novembro de 1944

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
6,54 (tram.)	11,15 (»)
12,05 (tram.)	15,41 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	19,34 (rápido)[1]
17,24 (tram.)	21,52 (recov.)
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	10,49
14,34	15,57 (1)
17,43 (1)	19,16
20,03 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Trespasse

Aceita-se de estabelecimento de ferragens ou de outro ramo de negócio que para êste fim se possa, adaptar, em rua de movimento desta cidade.

Dirigir a Manuel José Carinha—Murtosa.

RAIOS X

Dr. Guedes Pinto e Dr. António Peixinho
médicos especialistas de Raios X
CONSULTAS DAS 14 ÁS 17 HORAS NA RUA DAS BARCAS (TEL. 16)

Moínho a vento, todo em ferro, moendo com dois casais, vende-se em conta. Tratar com Maia de Miguel—Verdemilho.

Caixeiro

Precisa-se para mercearia. Nesta Redacção se informa.

EDITAL

Jaime Eloy Moniz, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial—Coimbra.

Faz saber que Manuel Simões Mostardinha, pretende licença para instalar uma oficina de ferreiro, incluida na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e fumos, situada no lugar e freguesia de Oliveirinha, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte com o requerente, Sul e Nascente com caminho público e ao Poente com Rosa Pinha.

* * *

Joaquim Gaspar Afonso, pretende licença para instalar uma oficina de ferreiro, incluida na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e fumos, situada no lugar e freguesia de Requeixo, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte e poente com o requerente, Nascente e Sul com Quitéria.

* * *

Ernesto Correia dos Santos, pretende licença para instalar a indústria de biselagem e espelhagem de chapa de vidro, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de emanações nocivas, situada na Rua do Americano, fréguesia da Vera-Cruz, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte com a Rua do Americano, Nascente com propriedade da Sociedade de Vinhos Scalabis, Sul com propriedade da Companhia Aveirense de Moagens e ao Poente com a rua particular.

Nos têrmos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação dêste edital, todas as pessoas interessadas podem apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos n.ºs 8215, 8223 e 8301, nesta Circunscrição Indústrial, com séde em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 26 de Outubro de 1944

Pelo Engenheiro Chefe da Circunscrição
Francisco Mateus Mendes

Casas

Vendem-se as que pertenceram à falecida D. Odília Soares, na Rua do Vento. Dirigir a João Soares ou António da Costa Ferreira.

Prédio

Vende-se o que faz esquina para a Avenida Bento de Moura e Rua do Seixal, em frente ao chafariz da Vera-Cruz. Tem rez-do-chão para negócio e dois andares.

Recebem-se propostas nesta Redacção.

Pinhal Vende-se o denominado *Pinhal de Trancas*, em Azurva, com a área de 18 alqueires de semeadura. Tratar com Alberto da Silva—Aradas.

«O Democrata»

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$0C
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.